

RELATO DE EXPERIÊNCIA - EIXO 3 - PROCESSOS FORMATIVOS EM
(NÃO)DIÁLOGOS COM OS SABERES E PRÁTICAS QUE VÊM DAS
MARGENS

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: A DESCONSTRUÇÃO DO CUIDADO EM
SAÚDE ATRAVÉS DA LENTE DECOLONIAL**

Rafaele Cristine Barcelos Dos Santos Luz Ribeiro (olosunifa@gmail.com)

Márcia Regina Viana (marviana@macae.ufrj.br)

Carolina De Souza Fonseca Da Silva (carolinasfonsec@gmail.com)

Giovanna Fachada (giovannafachada@gmail.com)

Marcos Vieira Ferreira (mvfanestesia@gmail.com)

Gabriela Souza Da Silva (rafayonce@hotmail.com)

A criação da disciplina "Saúde e Decolonialidade" foi movida pela intenção de provocar discussões acerca do modelo biomédico hegemônico que, por mais que salve vidas, frequentemente falha em compreendê-las. Além de tentar estabelecer uma crítica teórica, foi uma declaração de descolonização do pensamento, um convite a desaprender para poder ver novamente. A disciplina não se propunha a oferecer respostas fáceis, mas a incendiar perguntas necessárias sobre o que é existir, adoecer e cuidar em um mundo marcado por hierarquias de poder, saber e ser. O percurso da disciplina foi organizado em eixos temáticos profundamente interligados, que funcionaram como camadas a serem removidas para revelar um novo entendimento da saúde. São eles: "As fenomenologias do existir: A saúde está aí", "Corpos diversos e existência

padrão", "A existência é colonizada: Terra e mundo", "Necropolítica: Quem pode viver e quem deve morrer?", "Doença existencial". Ao final desta jornada, cogita-se instaurar a percepção de que o "fazer saúde" pode ser radicalmente transformado, possibilitando compreender que a decolonialidade não é um conteúdo a ser adicionado à prática, mas um gesto ético-político permanente de descentralização do poder. Espera-se co-construir o saber de que cuidar é, antes de tudo, reconhecer a pluralidade de mundos e saberes, valorizando as medicinas tradicionais e os modos de cuidado não hegemônicos, praticar a humildade epistêmica, admitindo que o saber científico ocidental é apenas um entre muitos, lutar por um mundo onde mais corpos tenham o direito de existir plenamente, o que é, em última instância, a mais profunda ação de saúde coletiva. A disciplina não pretendeu dar ferramentas técnicas novas, mas sim uma nova lente – uma lente descolonizadora e decolonial – através da qual se possa enxergar o sofrimento, a resistência e a potência de vida.

Palavras-chave: saúde; decolonialidade; descolonização do saber.